

MAIS DE UM MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

JENIN AO AMANHECER

susan
abulhawa

Uma história de amor,
opressão e resistência
no coração da Palestina



Para a Natalie e o Seif

PREFÁCIO

Como este romance ganhou vida

Há vinte e dois anos, a 23 de dezembro de 2002, sentei-me à noite, de olhos vermelhos, à minha secretária, a olhar para o ecrã do computador. A minha filha de cinco anos dormia na nossa cama, no mesmo quarto, com os presentes do Pai Natal embrulhados e escondidos no armário, prontos a encontrar o seu lugar debaixo da árvore, na noite seguinte. Eu era uma mãe solteira num país onde não contava com família e num estado onde tinha poucos amigos e nenhuma comunidade. Não tinha poupanças, pois o meu trabalho como investigadora numa empresa farmacêutica mal pagava a hipoteca e cobria as nossas despesas.

E agora também isso tinha desaparecido.

Naquela manhã, deixei a minha filha no jardim de infância e dirigi-me para o trabalho, em Princeton, para ser escoltada até ao gabinete de um administrador mal entrei no edifício. Disseram-me que ia ser despedida.

Deveria tê-lo previsto, mas na altura era demasiado ingénua. Acreditava que podia escrever a verdade que conhecia — o que vivera e testemunhara na Palestina e no exílio — sem perder a minha fonte de sustento. Afinal de contas, estávamos na América. Liberdade de expressão e tudo o mais.

A Segunda Intifada havia começado uns anos antes, em 2000, quando a minha filha tinha três anos. Depois de a deitar, ficava acordada a escrever cartas aos editores e artigos de opinião que contrariavam a propaganda sionista generalizada nos principais meios de comunicação social. Para minha surpresa, alguns dos meus artigos foram publicados nos órgãos mais importantes.

Depois, aconteceu o 11 de Setembro. A minha filha tinha quatro anos. O *New York Post* foi o primeiro a responder a um artigo de opinião que enviei no dia seguinte: «May God Touch All of Us with His Infinite Grace» [Que Deus nos abençoe a todos com a Sua misericórdia infinita] era uma homenagem sensível àqueles que pereceram, um apelo à compaixão pelos milhões de pessoas em todo o mundo mortas em circunstâncias semelhantes, às nossas mãos, e uma oração pela misericórdia. (Na verdade, este artigo foi eliminado da Internet, o que parece acontecer com muitos dos meus escritos e entrevistas nos principais órgãos de comunicação social).

Tal como aconteceu com muitos árabes e muçulmanos neste país, houve vizinhos e colegas de trabalho a afastarem-se de mim. Éramos os representantes dos criminosos. Os homens árabes com sotaque foram os mais afetados. Os crimes de ódio aumentaram contra nós e contra todos os que poderiam ser confundidos com muçulmanos, especialmente os siques. Retirei do meu carro um autocolante que dizia «Free Palestine» [Palestina Livre] depois de um homem me ter assediado num parque de estacionamento, aterrorizando a minha filha. Mas a vida continuou. Persisti na minha rotina diária — ir para o trabalho, ser mãe e uma ativista e escritora em ascensão.

Quando começaram a chegar notícias de um massacre no campo de refugiados de Jenin, que fora isolado pelo exército israelita, impedindo a entrada de qualquer pessoa, especialmente jornalistas e trabalhadores humanitários, decidi ir para lá. Deixei a minha filha com o pai, arranjei alguém para cuidar dos nossos queridos animais de estimação e fui para a Palestina. Fui impelida por um impulso irreprimível de agir. De dar testemunho. E não sabia como fazê-lo nos Estados Unidos. Não fazia ideia para onde iria na Palestina, como lá chegaria ou o que faria. Mas fui, mesmo assim.

Uma das belezas da sociedade palestina, e na verdade da maioria das sociedades árabes, é que se pode encontrar com

facilidade uma família hospitaleira que nos dê um lugar para ficar durante alguns dias. É algo de que tenho muitas saudades da minha pátria roubada. Apanhei um táxi até ao ponto mais distante sem entrar em Jenin, que ainda estava sob ordens militares de encerramento, com tanques e atiradores furtivos estacionados à volta do campo. Não tive de bater à porta de ninguém para pedir hospitalidade, porque o meu taxista acolheu-me. Já havia dois outros «internacionais» alojados com a sua família. Para sua segurança, não mencionarei os seus nomes, mas recordo-os com carinho pela sua bondade e generosidade. Proporcionaram-me abrigo, comida e transporte durante dois dias, até eu conseguir entrar à socapa no campo através de terrenos agrícolas próximos.

Os militares «abriram» o acampamento no dia seguinte, e outros ativistas apareceram. Mas eram poucos. Ao longo de duas semanas, ajudámos os voluntários locais e o pessoal do Crescente Vermelho a retirar corpos dos escombros das suas casas. Havia histórias de soldados israelitas que cantavam ao som de música alta enquanto conduziam buldózers blindados *Caterpillar D9* por bairros apinhados, esmagando casas e pessoas pelo caminho. Essas foram as histórias menos marcantes.

Enquanto palestina que em parte cresceu em Jerusalém, compreendia bem o que eram a ocupação, a morte, o exílio e a opressão. As fotografias do massacre de Sabra e Shatila ficaram gravadas na minha mente quando era criança. Já escutara as histórias terríveis dos meus pais. Mas a primeira vez que senti o cheiro da morte foi em Jenin — corpos humanos apodrecidos, mesmo antes de os podermos alcançar. Foi a primeira vez que ajudei a retirar despojos humanos de debaixo dos escombros com as minhas próprias mãos. E foi a primeira vez que dormi num edifício meio bombardeado, no segundo andar, num quarto sem paredes.

Foi a primeira vez que vi pessoas a chorar sem se mexerem, sem emitirem um som ou derramarem uma lágrima. Foi a primeira vez que vi o poder, não o poder cobarde — de rufias bêbedos,

armas e buldózerses *D9* —, mas o poder real que vem da dignidade, da integridade e da ligação à terra. Israel interrompera o abastecimento de água e provisões, e as pessoas tinham sede. Porém, quando um camião da USAID chegou para entregar água, os homens palestinos de Jenin cerraram fileiras para impedir que o camião entrasse no campo, recusando uma esmola proveniente da mão esquerda depois de a direita ter chacinado as suas famílias.

Por fim, as minhas duas semanas de férias acabaram, e tive de regressar para junto da minha filha e para o meu trabalho, mas uma grande parte de mim permaneceu em Jenin. Ou talvez Jenin tenha ficado em mim. Continuei a escrever, mesmo quando os colegas de trabalho me evitavam e, simultaneamente, eu me isolava, incapaz de suportar conversas que pareciam triviais, até perversas, em justaposição com o que me assombrava.

Os meus artigos não passavam despercebidos aos chefes, muitos dos quais eram sionistas. E o «despedimento» não tardou.

Não estava preparada para o desemprego, estava aterrorizada e sozinha com uma filha pequena e com a noção clara de que o mundo me odiava, a mim e aos que eram como eu.

Chorei, mas as minhas lágrimas pararam onde começavam as memórias de Jenin. Os homens sedentos que haviam perdido tudo e que recusavam a água oferecida pelos seus algozes. Ou o casal de idosos sentado em cima dos escombros do que outrora fora a sua casa. Perguntei se os podia fotografar. Surpreendido por me ouvir falar árabe, o homem disse:

— Ah! És das nossas! Esquece as fotografias. Anda cá, filha, vamos beber um chá.

Disse à neta para ir buscar mais um copo. Senti-me profundamente humilde e privilegiada por me poder sentar com eles.

Ou o jovem elegante que recusou sentar-se, acabando por me confessar que não queria que a roupa se sujasse porque era tudo o que lhe restava.

Durante o dia, eu procurava emprego e pedia empréstimos. Cuidava da minha filha, tendo-me finalmente transformado na mãe disponível que sempre quis ser, mas que não pudera porque tinha de a sustentar. À noite, escrevia. Chorava e preocupava-me em privado.

A bolha imobiliária estava em pleno desenvolvimento, pelo que, de um dia para o outro, fiquei com um património considerável, que alavanquei ao máximo, hipotecando a minha casa e endividando-me para cobrir as nossas despesas. E continuei a escrever. Alguns textos eram artigos de opinião política, outros eram reflexões pessoais de uma vida no exílio, que publiquei num ou noutro meio de comunicação. Mas a maior parte dos meus escritos era sobre Jenin, e, a dada altura, apercebi-me de que estava a escrever um romance.

Não sei bem o que me fez pensar que poderia fazer tal coisa. Eu era uma cientista que raramente lia ficção. Não dispus de livros enquanto crescia, nem vim de uma família instruída. De facto, fui apenas a segunda pessoa da minha família a terminar o secundário, a única a ir para a universidade. O meu tio materno, talvez nove anos mais velho do que eu, foi o primeiro. Também nunca me imaginei a escrever nem a querer ser escritora. Na minha cabeça, os escritores eram pessoas inacessíveis, uma espécie de realeza para a qual era preciso nascer.

Em retrospectiva, apercebo-me de que nunca duvidei de que um dia iria escrever este romance. Secretamente, ousei até acreditar que ele se tornaria uma narrativa importante.

Enviei alguns ensaios para a Leeway Foundation, na esperança de ganhar uma bolsa de cinco mil dólares, e, quando os premiados foram anunciados, em abril de 2003, ganhei o principal galardão, o Prémio Edna Andrade, que incluía 25 mil dólares — uma sorte inesperada. Mais importante do que o dinheiro foi a afirmação de que possuía uma aptidão por explorar.

Continuei a escrever, a trabalhar onde podia, a enterrar-me cada vez mais em dívidas, a ser «mãe de apoio às atividades escolares» e a estar mais presente na vida da minha filha. Foram precisos oito anos para que este romance fosse finalmente publicado, primeiro por uma pequena editora, em 2008, depois pela Bloomsbury, nos Estados Unidos e no Reino Unido, em 2010, e mais tarde pelo mundo fora, em trinta e duas línguas. Pouco a pouco, as personagens foram entrando nos corações do mundo inteiro, graças à força espontânea da partilha entre leitores.

Continuo a sentir-me atónita e honrada com o impacto desta narrativa. Ao longo dos anos, têm-me chegado milhares de cartas comoventes de leitores que me escrevem com extrema humanidade, intimidade e vulnerabilidade sobre a forma como esta história mudou as suas vidas. Na Suécia, uma mulher vendeu a casa e mudou-se para a Palestina para ajudar. Inúmeras pessoas, especialmente judeus ocidentais, descreveram o facto de terem sido «despertadas» das mentiras de uma vida inteira. Um clube de leitura nos Estados Unidos criou uma digressão pelo Médio Oriente, batizada *Jenin ao Amanhecer*, onde viajaram juntos até aos locais descritos nesta história. O mais comovente para mim foram as cartas de jovens palestinianos que descreveram como esta história os fez compreender os seus pais ou avós como nunca antes, e como esse conhecimento aprofundou o seu amor e os laços familiares.

Este livro também me ensinou muito. Descobri o poder da arte e a importância da narrativa na criação de um espaço seguro e emocional onde as pessoas se podem encontrar e explorar a sua humanidade partilhada. Aprendi que os romances podem ser libertadores. A vida deste romance confirmou um ditado islâmico que se traduz livremente por «Não odeies algo [que receias], pois esse algo pode ser uma bênção», visto que perder o emprego e afundar-me em dívidas foi, de facto, uma bênção. Também aprendi que os livros não significam nada sem leitores

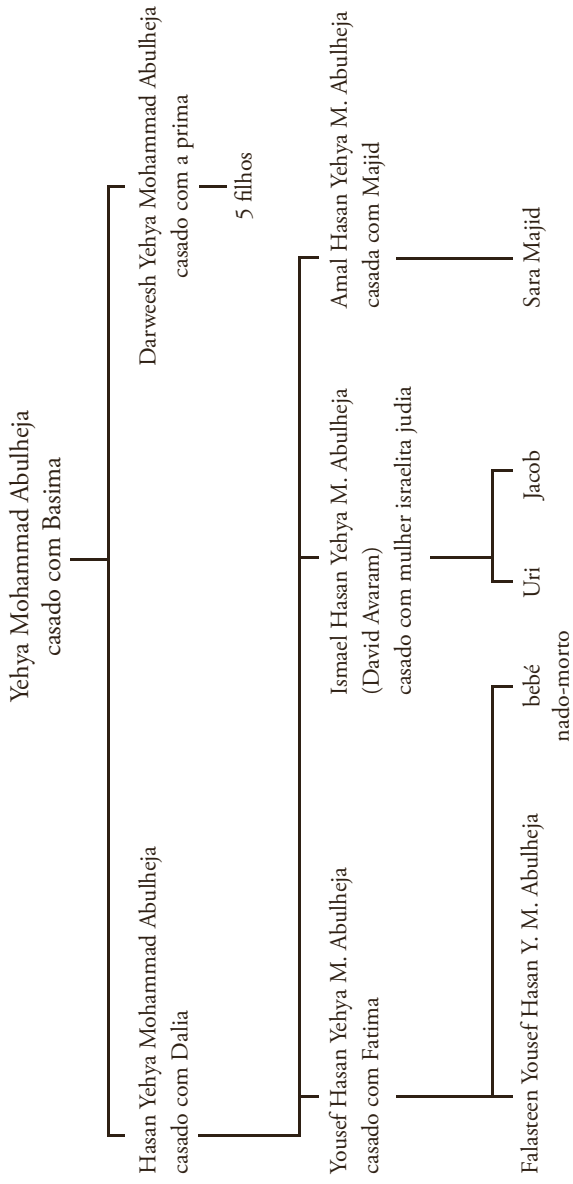
que os leiam, interpretem, amem ou odeiam, que os analisem, critiquem e falem sobre eles. São os leitores que, em última instância, dão vida às histórias.

Jenin foi o primeiro lugar a mudar o rumo da minha vida; depois, os leitores mudaram a minha vida.

Acredito que as histórias mudam o mundo.

susan abulhawa
agosto de 2024

ÁRVORE GENEALÓGICA



PREÂMBULO

Jenin

2002

Amal queria fitar mais de perto os olhos do soldado, mas o cano da espingarda automática, encostado à sua testa, não o permitia. Ainda assim, estava suficientemente perto para ver que ele usava lentes de contacto. Imaginou o soldado a inclinar-se para um espelho para colocar as lentes nos olhos antes de se vestir para matar. *Estranho*, pensou ela, *as coisas em que se pensa neste território entre a vida e a morte.*

Perguntou-se se as autoridades iriam lamentar publicamente a sua morte «acidental», uma cidadã norte-americana. Ou se a sua vida acabaria reduzida a um mero «dano colateral».

Uma única gota de suor escorreu da testa do soldado para a sua face. Este pestanejou com força. O olhar dela deixou-o inquieto. Ele já matara antes, mas nunca enquanto olhava a vítima nos olhos. Amal percebeu-o e sentiu a alma perturbada dele, no meio da carnificina que os rodeava.

Estranho, pensou mais uma vez, *não tenho medo da morte.* Talvez porque soubesse, pelo piscar de olhos do soldado, que viveria.

Fechou os olhos, renascida, o aço frio ainda a pressionar-lhe a testa. As solicitações da memória arrastavam-na para trás, para um tempo ainda mais passado, até um lar que não chegara a conhecer.

I.

EL NAKBA
(a catástrofe)

A colheita

1941

Num tempo remoto, antes de a história marchar sobre as colinas e despedaçar o presente e o futuro, antes de o vento pegar na terra por um canto e lhe sacudir o nome e a identidade, antes de Amal ter nascido, uma pequena aldeia a leste de Haifa vivia tranquilamente de figos e azeitonas, fronteiras abertas e luminosidade solar.

Ainda estava escuro, apenas os bebês dormiam, quando os aldeões de Ein Hod se prepararam para fazer a *salat*¹ matinal, a primeira das cinco orações diárias. A Lua pairava, baixa, como uma fivela a prender a terra e o céu, a prometer apenas timidamente tornar-se cheia. O *wudu*, o ritual de limpeza que precede a *salat*, enviou murmúrios do *shehadeh* para a neblina matinal, enquanto centenas de sussurros proclamavam a unicidade de Alá e o serviço ao seu profeta Maomé. Hoje rezavam ao ar livre e com especial reverência, porque era o início da apanha da azeitona. É sempre melhor subir as colinas rochosas de consciência tranquila numa ocasião tão importante.

Por toda a parte, através da orquestra da alvorada formada por pequenas vidas, grilos e pássaros agitados — e, muito em breve, galos —, os aldeões lançavam sombras sob o luar, nos seus tapetes de oração. A maioria pedia simplesmente o perdão pelos seus pecados, alguns rezavam uma *rukaa* adicional. De uma forma ou de outra, cada um dizia «Meu Senhor Alá, que seja feita a Vossa vontade neste dia. A minha submissão e gratidão é Vossa», antes de partirem para oeste, em direção aos bosques, levantando bem os pés para evitar as saliências dos catos.

¹ Oração. Ver glossário no fim. (*N. da T.*)

*

Todos os anos, em novembro, a semana das colheitas trazia um vigor renovado a Ein Hod, e Yehya, *Abu* Hasan, sentia-o nos ossos. Saía de casa cedo com os filhos, atraindo-os com a esperança anual de conseguirem algum avanço sobre os vizinhos. Mas os vizinhos tinham ideias parecidas, e a colheita começava sempre por volta das cinco da manhã.

Yehya virou-se acanhadamente para a mulher, Basima, que equilibrava o cesto de lonas e cobertores sobre a cabeça, e sussurrou:

— *Um* Hasan, para o ano, vamos levantar-nos antes deles. Só quero ter uma hora de avanço sobre o raio do velho desdentado do Salem. Só uma hora.

Basima revirou os olhos. Todos os anos, o marido reavivava aquela ideia brilhante.

Quando o céu negro deu lugar à luz, os sons da colheita desse nobre fruto ecoaram das colinas branqueadas pelo sol da Palestina. O bater das varas dos camponeses nos ramos, o estremecer das folhas, a queda dos frutos sobre as velhas lonas e cobertores que haviam sido colocados debaixo das árvores. Enquanto trabalhavam, as mulheres cantavam as baladas de séculos passados, e as crianças pequenas brincavam e eram repreendidas pelas mães quando se interpunham no seu caminho.

Yehya fez uma pausa para massajar uma dor no pescoço. *É quase meio-dia*, pensou, reparando na aproximação do Sol ao zénite. Encharcado em suor, Yehya estava de pé, na sua terra, um homem robusto com um *kaffiyeh* preto e branco a cobrir-lhe a cabeça, a bainha do manto enfiada na faixa da cintura, à maneira dos *fellaheen*. Observou o esplendor à sua volta. A relva verde e musgosa descia em cascata por aquelas colinas, sobre as rochas, à volta das árvores e por cima delas. As barreiras de *sanasil*,

algumas das quais ele ajudara o avô a reparar, subiam em espiral pelas colinas. Yehya virou-se para observar Hasan e Darweesh, com os músculos do peito a estremecer sob as vestes a cada golpe dos bastões para soltar as azeitonas. *Os meus rapazes!* O orgulho encheu o coração de Yehya. *O Hasan está a ficar forte, apesar dos problemas nos pulmões. Alá seja louvado.*

Os filhos trabalhavam em lados opostos de cada árvore, enquanto a mãe os seguia, transportando mantas de azeitonas frescas para serem prensadas mais tarde, nesse dia. Yehya conseguia ver Salem colher a sua produção no bosque adjacente. *Diabo de velho desdentado.* Yehya sorriu, embora Salem fosse mais novo do que ele. Na verdade, o seu vizinho sempre tivera uma espécie de sabedoria e uma paciência de avô que se manifestava num rosto moldado por muitos anos a esculpir madeira de oliveira ao ar livre. Tornara-se *Haj Salem* após a sua peregrinação a Meca, e o novo título conferia-lhe uma idade superior à de Yehya. Ao fim da tarde, os dois amigos fumavam *hookah* juntos, discutindo sobre quem havia trabalhado mais e quem tinha filhos mais fortes.

— Ainda vais parar ao Inferno por mentires assim, velhote — dizia Yehya, levando o cachimbo aos lábios.

— Velhote? Tu és mais velho do que eu, seu idoso — dizia Salem.

— Pelo menos ainda tenho os dentes todos.

— Está bem. Vai buscar o tabuleiro para eu poder provar mais uma vez quem é o melhor.

— É a tua vez, seu mentiroso, desdentado e débil filho do teu pai.

Jogos de gamão sobre *hookahs* borbulhantes resolviam esta discussão anual, e eles jogavam obstinadamente até as respetivas mulheres os mandarem chamar várias vezes.

Satisfeito com o ritmo da manhã, Yehya executou a *thohr salat* e sentou-se no cobertor onde Basima havia preparado as lentilhas e o *makloobeh* com borrego e molho de iogurte. Perto dali, confeccionou outra refeição para os trabalhadores migrantes, que aceitaram a oferta com gratidão.

— Almoço! — gritou ela para Hasan e Darweesh, que haviam concluído a segunda *salat* do dia.

Sentada à volta do tabuleiro de arroz fumegante e dos pratos mais pequenos com molhos e picles, a família esperou que Yehya partisse o pão em nome de Alá.

— *Bismillah arrahman arraheem* — começou ele, e os rapazes seguiram-no, famintos, alcançando o arroz para o moldarem em pequenas porções com o iogurte.

— *Yumma*, ninguém cozinha tão bem como tu! — Darweesh, o bajulador, sabia como obter o favor de Basima.

— Alá te abençoe, filho. — Ela sorriu e deslocou um pedaço de carne tenra para o lado dele da travessa do arroz.

— Então e eu? — protestou Hasan.

Darweesh inclinou-se para o ouvido do irmão mais velho, provocando:

— Não és tão bom com as senhoras.

— Aqui tens, querido. — Basima cortou outro pedaço de carne boa para Hasan.

A refeição terminou rapidamente, sem a habitual demora com o café e *halaw*. Havia mais trabalho a fazer. Entretanto, Basima enchia os seus grandes cestos, que os ajudantes levavam para o lagar. Cada um dos rapazes tinha de espremer a sua quota-parte de azeitonas no dia da colheita; caso contrário, o azeite podia ficar com um sabor rançoso.

Contudo, antes de regressarem, fizeram uma oração.

— Primeiro, vamos dar graças pela generosidade de Alá. — ordenou Yehya, tirando um velho Alcorão do bolso do seu *dishdash*.

O livro sagrado pertencera ao seu avô, que cultivara aqueles bosques antes dele. Embora Yehya não soubesse ler, gostava de olhar para a bonita caligrafia, enquanto recitava as suras de memória. Os rapazes fizeram uma vénia, ouvindo impacientemente o pai cantar os versos do Alcorão, e depois desceram a colina a correr quando este lhes deu autorização para se dirigirem para a prensa.

Basima ergueu um cesto de azeitonas sobre a cabeça, pegou em cada mão num saco de tecido cheio de pratos e restos de comida e desceu a colina com outras mulheres que equilibravam urnas e pertences sobre a cabeça, com uma postura ereta.

— Que Alá esteja contigo, *Um Hasan!* — exclamou Yehya para a mulher.

— E contigo, *Abu Hasan* — respondeu ela. — Não te demores.

Agora, sozinho, Yehya inclinou-se para a brisa, soprou suavemente para o bocal do seu *nye* e sentiu a música emergir dos pequenos orifícios sob a ponta dos seus dedos. O avô ensinara-o a tocar aquela flauta antiga, e as suas melodias transmitiam a Yehya a percepção dos seus antepassados, das inúmeras colheitas, da terra, do sol, do tempo, do amor e de tudo o que era bom. Como sempre, à primeira nota, Yehya ergueu as sobranceiras de olhos fechados, como se estivesse eternamente surpreendido com a beleza que o seu simples *nye* esculpido à mão conseguia dar à sua respiração.

Várias semanas após a colheita, o velho camião de Yehya estava carregado. Havia algum azeite, mas sobretudo amêndoas, figos, um sortido de citrinos e legumes. Hasan colocou as uvas por cima para não se esmagarem.

— Sabes, preferia que não fosses até Jerusalém — disse Yehya a Hasan. — Tulkarem fica apenas a alguns quilómetros de distância, e a gasolina está cara. Até Haifa fica mais perto, e os seus

mercados são igualmente bons. E nunca se sabe que sionista filho da mãe está escondido nos arbustos ou que inglês maldito te poderá deter. Porquê fazer a viagem? — Mas o pai sabia porquê. — Estás a fazer esta longa viagem para te encontrares com o Ari?

— *Yaba*, dei-lhe a minha palavra que ia — respondeu Hasan ao pai, um pouco suplicante.

— Bem, já és um homem. Tem cuidado na estrada. Não te esqueças de dar à tua tia tudo aquilo de que ela precisar da carroça, e diz-lhe que queremos que ela nos venha visitar em breve — disse Yehya, dirigindo-se depois ao condutor, que era conhecido de todos e cujas feições afirmavam a sua linhagem comum: — Conduz com a proteção de Alá, filho.

— Que Alá te dê uma vida longa, *Ammo* Yehya.

Hasan beijou a mão do pai e depois a testa, gestos reverentes que encheram Yehya de amor e orgulho.

— Que Alá te sorria e te proteja todos os dias, filho — disse ele, enquanto Hasan se enfiava na parte de trás do camião.

Enquanto se afastavam, Darweesh galopou ao lado de *Ganoosh*, o seu adorado corcel árabe.

— Vamos fazer uma corrida. Dou-te uma hora de avanço, já que o camião está pesado — desafiou-o Darweesh.

— Desafia antes o vento, Darweesh. É mais adequado à tua velocidade do que esta velha carripa. Vai lá, então, encontramo-nos em Jerusalém, na casa de *Amta* Salma.

Hasan observou o irmão mais novo a galopar sem sela, com o *hatta* apertado à volta da cabeça, as pontas soltas a agitarem-se ao vento, atrás dele. Darweesh era o melhor cavaleiro dos arredores, talvez o melhor do país, e *Ganoosh*, o cavalo mais rápido que Hasan alguma vez vira.

Ao longo da estrada poeirenta, a terra erguia-se num silêncio silvestre, encantada com os aromas das flores dos citrinos e dos campos selvagens. Hasan abriu a bolsa que a mãe enchia

todos os dias, retirou uma gota da sua mistura pegajosa e levou-a ao nariz. Inspirou-a tão profundamente quanto os seus pulmões asmáticos permitiam. O oxigénio difundiu-se pelas suas veias, enquanto abria um dos livros secretos que a Sra. Perlstein, a mãe de Ari, o instruía a estudar.

Ari Perlstein

1941

Ari estava à espera junto à Porta de Damasco, onde os rapazes se haviam encontrado pela primeira vez, quatro anos antes. Era filho de um professor alemão que fugira cedo do nazismo e se instalara em Jerusalém, onde a família alugara uma pequena casa a um proeminente palestinião.

Os dois rapazes haviam-se tornado amigos em 1937, atrás dos carrinhos de fruta fresca, legumes e latas de óleo amolgadas no mercado de Babel Amond, onde Hasan estava sentado a ler um livro de poemas árabes. O pequeno rapaz judeu de olhos grandes e sorriso inseguro começou a aproximar-se de Hasan. Coxeava, herança de uma perna mal curada e do Camisa Castanha que a partira. Comprara um grande tomate vermelho, sacou de um canivete e cortou-o, ficando com metade e oferecendo o resto a Hasan.

— *Ana ismi Ari*. Ari Perlstein — disse o rapaz.

Intrigado, Hasan pegou no tomate.

— *Goo day sa! Shalom!* — Hasan tentou as únicas palavras não árabes que conhecia e fez sinal para que o rapaz se sentasse.

Embora Ari conseguisse improvisar um pouco de árabe, nenhum deles falava a língua do outro. Mas rapidamente encontraram um ponto em comum no seu sentimento mútuo de inadequação.

— *Ana ismi Hasan. Hasan Yehya Abulheja*.

— *Salam alaykom* — respondeu Ari. — Que livro estás a ler? — perguntou em alemão, apontando.

— Livro. — *Inglês*. — *Dis, book*.

— Sim. — *Inglês*. — *Kitab*. — *Livro, em árabe*. — Sim.

Riram-se e comeram mais tomate.

Assim nasceu uma amizade à sombra do nazismo da Europa e na crescente divisão entre árabes e judeus, na sua terra natal, consolidando-se na inocência dos seus doze anos, na solidão poética dos livros e no seu desinteresse pela política.

Décadas depois de a guerra ter separado os dois amigos, Hasan falou à filha mais nova, uma menina chamada Amal, do seu amigo de infância.

— Era como um irmão — disse Hasan, fechando um livro que lhe fora oferecido por Ari no outono da sua juventude.

Embora Hasan viesse a registar um crescimento físico colossal, aos doze anos era um rapaz doente cujos pulmões sibilavam a cada respiração. O esforço que fazia para respirar empurrava-o para as margens das confederações rígidas dos rapazes e das suas brincadeiras rudes. Da mesma forma, o coxear de Ari convidava à zombaria implacável dos seus colegas de turma. Ambos possuíam um ar de recolhimento que reconheciam um no outro, e cada um, em tenra idade e no seu próprio mundo e língua, encontrara refúgio nas páginas de poetas, ensaístas e filósofos.

O que fora uma aborrecida viagem ocasional a Jerusalém tornou-se uma bem-vinda viagem semanal, pois Hasan encontrava Ari à espera, e passavam o tempo a ensinar um ao outro as palavras em árabe, alemão e inglês para «maçã», «laranja» e «azeitona».

— As cebolas custam uma piastra o quilo, m'nha senhora — praticavam. Por trás das filas de fruta e legumes do carrinho, escarneciam em privado dos rapazes árabes da cidade, com o seu discurso afetado e roupas extravagantes que pouco mais eram do que demonstrações de admiração servil pelos ingleses.

Ari começou mesmo a usar o traje tradicional árabe aos fins de semana e regressava frequentemente a Ein Hod com Hasan. Imerso nas melodias da fala e música árabes e nos sabores da comida e bebida árabes, Ari adquiriu um domínio respeitável da língua e cultura do amigo, o que, em grande medida, contribuiu para que,

décadas mais tarde, viesse a ser professor titular na Universidade Hebraica. Do mesmo modo, Hasan aprendeu a falar alemão, a ler, com hesitação, alguns dos volumes em inglês da biblioteca do Dr. Perlstein e a apreciar as tradições do judaísmo.

A Sra. Perlstein adorava Hasan e estava grata pela sua amizade com o filho, e Basima recebia Ari com um entusiasmo maternal semelhante. Apesar de nunca se terem encontrado pessoalmente, as duas mulheres conheceram-se através dos filhos, e cada uma delas enviava o descendente da outra para casa carregado de comida e guloseimas especiais, um ritual que Hasan e Ari toleravam com relutância.

Com treze anos, um ano antes do fim da escolaridade formal de Hasan, este pediu ao pai autorização para estudar com Ari em Jerusalém. Receoso de que a continuação dos estudos afastasse o filho da terra que estava destinado a herdar e cultivar, Yehya proibiu-o.

— Os livros não farão mais do que interpor-se entre ti e a terra. Não irás frequentar a escola com o Ari, e é tudo o que direi sobre este assunto. — Yehya acreditava ter tomado a decisão acertada. Mas, anos mais tarde, censurar-se-ia com profunda consternação e arrependimento por ter recusado aquilo que Hasan tanto desejava. Por esta decisão, um dia Yehya imploraria o perdão do filho enquanto acampavam, à mercê das intempéries, não muito longe da casa aonde nunca poderiam regressar. Yehya, um refugiado a definhar na dilapidação desconhecida do exílio, choraria sobre os ombros clementes de Hasan. — Perdoa-me, filho. Não me consigo perdoar a mim próprio — diria Yehya. E foi por essa mesma decisão e subsequente arrependimento e desgosto que Hasan decidiu, com trabalho árduo e determinado e um salário irrisório, que os filhos receberiam uma educação. Por esta decisão, Hasan diria à sua filha Amal, muitos anos mais tarde:

— *Habibti*, agora resta-nos apenas a educação. Promete-me que a vais aceitar com toda a força que tiveres dentro de ti.

E a menina prometê-lo-ia ao pai que adorava.

Apesar de ter sido negado a Hasan o privilégio de frequentar a escola oficial para além do oitavo ano, recebia acompanhamento de qualidade da Sra. Perlstein, que, todas as semanas, enviava para casa o seu jovem e ávido aluno carregado de livros, lições e trabalhos de casa. As aulas particulares começaram como um esquema entre Basima e a Sra. Perlstein para afastar Hasan do seu desânimo nos meses que se seguiram à última palavra de Yehya sobre a questão da educação.

— Ei, irmão! — Os jovens abraçaram-se, deram as mãos e beijaram-se em cada face, à maneira árabe. Descarregaram o camião, deixando o condutor junto de outros vendedores de rua. Trilhando por entre os estreitos caminhos de pedra da Cidade Velha, os amigos avançaram em direção ao seu prazer habitual antes de irem para casa de Ari. De Babel Amoud, caminharam em direção a el Qiyameh. Os aromas dos frascos de barro, do melão e dos óleos variados saíam das lojas, e os vendedores de rua chamavam os transeuntes para que se detivessem e provassem. Viraram na Khan el Zeit, com as cabeças a roçar em peles e sedas penduradas nas paredes das lojas. Alguns passos adiante, entraram no café el Mahfouz.

— Duas doses de maçã e mel — disse Hasan ao empregado.

— Isto não deve ser bom para os teus pulmões, Hasan — advertiu-o Ari. — O tio Yehya sabe que fumas?

— Claro que não!

Em casa dos Perlsteins, Hasan entregou as duas bandejas de *halaw* e *knafé*.

— O costume, da parte da mãe — disse em alemão.

— Obrigada — respondeu a Sra. Perlstein, aceitando os doces.

Era uma mulher reservada, de membros longos; Hasan achava que a sua aparência não transmitia qualquer indício da

sua bondade expansiva. O seu instinto, quando a via, era procurar a herança de família, sempre presa ao peito. *Uma, duas, três, quatro... dezoito*. Desenvolveu o hábito de contar as pequenas pérolas do seu pregador, enquanto ela inspecionava os seus trabalhos de casa.

Ao longo dos anos, Hasan revelou-se um aluno assíduo e de rápida aprendizagem. As aulas com a Sra. Perlstein continuaram até ele se «formar» com Ari, em 1943, ano em que os dois jovens se afastaram durante algum tempo, pois Ari criou um pequeno grupo de amigos na escola, e Hasan apaixonou-se por uma jovem beduína chamada Dalia, que roubara *Ganoosh*, o cavalo do irmão.

A rapariga beduína sem préstimo

1940–1948

Ao contrário dos casamentos do seu tempo, arranjados à nascença e mantidos no seio do clã familiar, a união de Hasan com Dalia nasceu de um amor proibido. Ele era descendente dos fundadores originais de Ein Hod e herdeiro de grandes extensões de terra cultivada, pomares e cinco olivais impressionantes. Dalia, por outro lado, era filha de um beduíno cuja tribo ia trabalhar para a aldeia todos os anos durante as colheitas, tendo acabado por se fixar ali.

Sendo a mais nova de doze irmãs, Dalia era voluntariosa e não ligava muito às convenções. Apesar de viver sob o rigor impiedoso do cinto do pai, nem sempre se lembrava de usar a cobertura tradicional do *hijab* e permitia que o vento lhe agitasse o cabelo. Ao contrário das raparigas normais, levantava o vestido para perseguir um lagarto, sujando os vivos desenhos beduínos do seu *thobe* com manchas de lama e picos de catos. Muitas vezes, esquecia-se de esvaziar a bolsa de novos insetos e escaravelhos estranhos recolhidos nesse dia, e a mãe batia-lhe por isso. Mas a força da natureza dentro dela obrigava-a a regressar aos seus hábitos curiosos. Apreciava o tempo que passava com os seus pequenos segredos de seis e oito patas, até ter um de quatro patas, um cavalo chamado *Ganoosh*.

O seu jovem dono, um rapaz que ela sabia ser Darweesh, filho de Yehya Abulheja, ofereceu-lhe boleia quando a viu a caminhar pelas colinas. Ela não podia aceitar boleias de um rapaz. Seria espancada se o pai tomasse conhecimento do facto.

— Não. — Foi tão enfática quanto uma criança de onze anos pode ser, mas, mal respondeu, o seu rosto relaxou para um «talvez».

Darweesh disse suavemente:

— Posso caminhar tranquilamente à frente e juro pela minha honra que não vou olhar para trás, para ti, montada no cavalo.

Parecia ser de confiança, e não havia ninguém por perto em quilómetros entre as colinas. Ela olhou em redor para a extensão tranquila de terra ondulada. O seu coração era puro.

— Como é que eu subo?

— Observa-me primeiro e depois tenta, quando eu virar costas — disse Darweesh.

Ganoosh deixou que a pequena montasse no seu dorso e depois avançou lentamente. De repente, ela ficou cheia de medo de ser apanhada com um rapaz e o seu cavalo. Exigiu que ele parasse e, assim que desmontou, fugiu.

Semanas depois, voltou ao local para esperar pelo seu magnífico segredo de quatro patas, até que ele chegou com Darweesh, e ela experimentou novamente a magia. O segredo durou mais de dois anos, e, durante esse tempo, Dalia aprendeu a cavalgar sozinha. Darweesh teria feito tudo o que ela pedisse, se ao menos ela tivesse pedido. Durante todo esse tempo, nunca trocaram uma palavra, exceto naquele primeiro dia. Quando Darweesh a via chegar, desviava os olhos para não a desrespeitar, virava-se de costas para ela e segurava *Ganoosh* com firmeza, enquanto ela apertava a túnica, com as calças por baixo, montava e partia. Darweesh esperava que ela regressasse e repetia o mesmo ritual de modéstia, mas no sentido inverso.

Para os habitantes da aldeia, Dalia era como uma cigana selvagem, nascida da poesia e das cores dos beduínos, em vez de carne e osso. Alguns achavam que a criança tinha um aspeto demoníaco e convenceram a mãe de Dalia a chamar um xeque para ler versos do Alcorão sobre ela. A maioria achava que a rapariga iria simplesmente deixar de ser assim. Por fim, as pessoas concordaram que Dalia deveria ser «quebrada». Com quase catorze anos, tinha de ser confrontada com a realidade e abandonar a sua displicência infantil.

— Verga-a, bate-lhe, dá-lhe uma lição — disse outra mulher beduína à mãe. — Olha para ela a comer aquela laranja! Que vergonha para a família. Os rapazes estão todos a olhar para ela. — Era assim o desprezo da aldeia por Dalia. O tilintar das suas pulseiras nos tornozelos incomodava as mulheres. Mais ainda, odiavam a imunidade de Dalia face à sua acrimónia. A força sem remorso que brilhava na sua pele e pairava no seu cabelo recordava-lhes uma antiga felicidade irrecuperável que haviam descartado de bom grado. A despreocupação vulgar de Dalia era sexual, mais ainda porque ela o desconhecia.

Basima, *Um* Hasan, achava que Dalia era uma ladra sem Deus e sem vergonha, depois de esta ter «roubado» o cavalo do seu filho Darweesh para um descanso furtivo da monotonia extenuante da apanha da azeitona. Ninguém teria percebido se Dalia não tivesse caído e partido o tornozelo, dando origem a um escândalo que chamou a atenção de Hasan. A aldeia inteira ficou em polvorosa. Darweesh pensou em formas de defender Dalia, mas sabia que o seu envolvimento lhe traria um castigo muito maior.

Envergonhado, o pai de Dalia jurou esmagar a insolência da filha mais nova de uma vez por todas. Para restaurar a sua honra, amarrou Dalia a uma cadeira no centro da cidade e pousou-lhe um ferro em brasa na mão que ela foi obrigada a admitir ter sido a que roubara o cavalo.

— Foi esta? Estende-a para que a possa queimar bem — disse o pai, furioso, enquanto Dalia oferecia a palma da mão direita. — E, se gritares, queimo a outra mão — acrescentou, virando-se para a multidão de espectadores em busca de aprovação.

Dalia não emitiu qualquer som enquanto o metal em brasa lhe queimava a pele da palma da mão direita. A multidão susteve a respiração.

— Como os beduínos são cruéis — disse uma mulher, e algumas pessoas imploraram ao pai de Dalia que parasse em nome de

Alá, que tivesse piedade porque Alá é Misericordioso. *Al Rahma*. Mas um homem deve governar a sua casa.

— A minha honra não terá qualquer mácula. Afastem-se. Estou no meu direito — exigiu o beduíno. Estava no seu direito. *La hawla wala quwatta ella billah*.

Dalia puxou a dor para dentro de si, o odor desagradável da carne queimada a consumir a vida no seu âmago. A sua cumplicidade com a natureza, a intimidade do seu cabelo com o vento, o tilintar das pulseiras com moedas nos tornozelos, o doce aroma do seu suor quando trabalhava, as suas cores ciganas — tudo isso se transformou nesse dia num monte de cinzas no centro da cidade, sob o céu azul profundo. Se ela tivesse gritado, talvez o fogo não a tivesse atingido tão profundamente. Mas não o fez. Avistou um coelho e prendeu-os a ambos num olhar impossível. Agarrou a tortura, firme, com a mão, e suportou-a de maxilar bem fechado, enquanto as lágrimas lhe corriam pela cara. Para o resto da vida, Dalia teria o hábito inconsciente de esfregar as pontas dos dedos da mão direita para trás e para a frente, enquanto cerrava os dentes, dando a impressão de segurar algo que estava vivo e tentava escapar.

Basima ficou perturbada com o estoicismo da rapariga beduína e não queria fazer parte «daquela família», pois não ignorava os olhares atentos de Hasan, que seguiam a jovem Dalia, enquanto ela trabalhava nas suas tarefas diárias, na aldeia e nos campos.

Para Basima, Dalia era uma «beduína imprestável» que traria todo o tipo de problemas à sua pacata aldeia. De facto, os seus piores receios confirmaram-se quando o seu filho, o jovem Hasan Yehya Abulheja, se revelou incapaz de resistir à audácia da beleza de Dalia e ao seu espírito indomável e decidiu casar com ela.

Com a determinação que caracterizaria Hasan durante toda a sua vida e com a bênção relutante do pai, Hasan confrontou a mãe com a sua decisão.

— *Yumma*, o casamento não é pecado — disse Hasan, tentando uma abordagem conciliatória.

— Não, não, não, não, não! — Basima estava possuída. Completamente escandalizada, agitava os braços, puxava a túnica com súplicas a Alá, batia no peito e esbofeteava a própria cara. Lamentava a humilhação e lamuriava-se pelo dia em que «aquela beduína» pusera os pés em Ein Hod. O seu embaraço transformar-se-ia em vergonha quando fosse obrigada a dar a notícia da rebelião do filho e da recusa da prima, que já estava comprometida com ele.

— *Ya Abu* Hasan, o que irão as pessoas dizer de nós? — implorou ela ao marido.

Yehya tentou argumentar com a mulher.

— *Um* Hasan, deixa estar. Ele agora é um homem. Não o podemos forçar.

Mas ela continuou como se o marido não tivesse falado.

— Que a nossa palavra não é honrosa? Que prometemos o casamento do nosso filho com uma rapariga e depois permitimos que ele nos desobedecesse? Que erro cometeu a minha inocente sobrinha para ser trocada por uma ladra beduína imunda?

— É a vontade de Alá. Que assim seja, mulher! O país está a ser virado do avesso pelos sionistas, e tu estás de mau humor porque o teu filho quer casar com uma rapariga bonita de quem não gostas. Não ouves as notícias todos os dias? Os sionistas matam ingleses e palestinianos todos os malditos dias. Estão a livrar-se dos ingleses para se poderem livrar de nós, e são todos demasiado estúpidos para ver ou fazer alguma coisa. — Yehya agarrou na bengala com uma mão e no *nye* com a outra e saiu para a rua, revoltado com os seus receios, que se haviam intensificado com as notícias quase diárias da BBC sobre o terrorismo dos bandos sionistas, cada vez mais militarizados.

Nos degraus de mármore de sua casa, Yehya exalou o ar através do seu precioso *nye*, mexeu os dedos e ergueu uma sobrancelha

ao primeiro som. Tocava para as suas árvores, para ressuscitar a simplicidade e a paz.

— Pára com isso! — Basima marchou para o pórtico que o próprio Yehya havia desenhado e ladrilhado. Estava furiosa. — Um dia destes parto essa coisa — rosnou Basima baixinho, para que os vizinhos não ouvissem, e afastou-se, com receio de ter passado dos limites. Ainda estava a murmurar o seu desagrado quando transpôs os tapetes persas da entrada, atravessando os grandes arcos de azulejos, até à sala de estar, onde se ajoelhou para se sentar brevemente na almofada do chão. Anos antes, Yehya quisera comprar sofás, como os ingleses haviam feito, mas Basima recusara; e agora achava que os sofás podiam ser melhores. Inquieta, desdobrou o seu tapete de oração para se prostrar diante de Alá. Depois de ter rezado duas *rukaas*, levantou-se, passando por cima de mais tapetes persas espalhados pelo chão de mármore até à cozinha, onde olhou em volta para os azulejos azuis e verdes de Yehya. *Ele é teimoso, mas é mesmo um artista*, pensou. *Yehya, como podes concordar com este casamento?!*

Nenhuma súplica ou maldição de Basima conseguia dissuadir o filho. Só Darweesh compreendia a determinação com que Hasan desafiava a mãe, pois também ele amava Dalia. E, quando a família foi pedir a mão de Dalia em casamento, Darweesh chorou na companhia dos seus queridos *Ganoosh* e *Fatooma*, o seu outro cavalo árabe, companheiro de *Ganoosh*, que tinha uma linha branca característica entre os olhos.

O pai de Dalia aceitou com grande alívio o fardo da filha mais nova e, dois dias depois, como era costume, recebeu o seu dote. Nesse dia, através dos pequenos orifícios da rede de privacidade na sua janela, Dalia observou uma sucessão de homens a trazerem dinheiro e ouro ao pai. Ficou menos comovida com o impressionante dote do que com a visão de Darweesh a caminhar entre aqueles homens.

Ela não tinha voto na matéria, embora a ideia de se tornar uma *arosa* lhe agradasse, da mesma maneira que vestir-se como uma mulher adulta agrada às meninas — mas desejava que tivesse sido para Darweesh.

No dia do casamento de Dalia, as mulheres da sua família — mãe, tias, irmãs casadas e primas — esfregaram e poliram cada centímetro do seu corpo. Espalharam repetidamente *aeda* pelas suas pernas, coxas, braços, barriga e nádegas, retirando-a de seguida. Dalia esticava o pescoço a cada puxão, que parecia enviar correntes elétricas através da sua pele, para ver as pequenas florestas de pelos pretos extraídos. A carne tenra entre as pernas era a mais dolorosa.

— Está tudo bem, filha — disse a mãe, abrindo bem as pernas da filha. *Bismillah arrahman arrabeem*. Com a confiança e destreza de uma parteira, a mãe de Dalia arrancou todos os pelos púbicos recentes da filha (de que Dalia tanto se orgulhava) com um único golpe de *aeda* que fez Dalia erguer-se de dor. As mulheres riram-se com alegria.

— Vem, filha. Entra no mundo das mulheres.

E, quando uma tia reparou na humidade nas coxas de Dalia, exclamou para a irmã:

— Parece que a tua filha vai dar uma boa esposa. — Voltaram a rir-se, enquanto Dalia se mostrava uma espectadora obediente da sua própria transformação.

No espelho, observava as linhas de *kohl* que moldavam os seus olhos com sedução e desenhavam no seu rosto a idade e a maturidade que lhe faltavam. Era uma *arosa*, o centro bonito da sua cultura, e todas as meninas a observavam, tal como ela havia contemplado as noivas antes dela a serem preparadas para o casamento.

Carregada de dádivas reluzentes penduradas ao pescoço, sobre a testa e a balançar-lhe dos pulsos, tornozelos e orelhas,

Dalia, de catorze anos, casou com Hasan Yehya Abulheja numa cerimónia grandiosa. Foi uma celebração digna da vingança do pai de Dalia, da amargura virulenta de Basima e do coração melancólico de Darweesh.

Enfeitada com metade do seu peso em ouro, a pequena noiva viveu o dia do seu casamento em silêncio, esfregando incessantemente a mão, com o maxilar imóvel numa compressão apertada, mesmo quando beijada pelos convidados.

Antes de se juntarem às mulheres, os homens festejaram separadamente, sacrificando um cordeiro, dançando e alegrando-se com cânticos e música. Com o coração ferido, Darweesh liderou um *dabke* para o seu irmão e brindou ao noivo com amor, uma tristeza secreta e a aceitação da vontade de Alá.

— *Inshalla*, és o próximo, irmão — disse Hasan com sinceridade, abraçando Darweesh.

— *Inshalla*. — Se Deus quiser.

Dez meses depois do casamento, Dalia caiu nas boas graças da aldeia ao dar à luz um filho, a quem deu o nome de Yousef. Assim, dos quinze anos em diante, Dalia passou a ser respeitosa-mente chamada «*Um Yousef*», e Hasan, «*Abu Yousef*».

Mesmo antes de Yousef ter nascido, Basima já se afeiçoara a Dalia. Não conseguia evitar impressionar-se com a tenacidade com que Dalia se ocupava das suas tarefas, com a habilidade com que ajudava a própria mãe a dar à luz na aldeia ou com o prazer do seu novo marido na sua companhia. Além disso, as famílias haviam acordado que Darweesh casaria com a sobrinha que fora abandonada por Hasan, e, assim, o orgulho de Basima seria salvaguardado.

A inexperiência de Dalia obrigou os instintos maternos da sogra a introduzir a filha beduína no mundo da maternidade, ensinando-lhe os ritmos da amamentação e os tratamentos para as cólicas. Ensinou-lhe os segredos para recuperar a firmeza do

corpo e os truques para manter o interesse do marido após o parto.

— Tudo acaba por desaparecer: os seios, as coxas, descaem, simplesmente — explicava Basima —, mas o azeite é o truque. — Os olhos estreitos de Basima brilhavam de forma conspiratória ao aproximar-se e começar a descrever os preparados de beleza que ela própria havia descoberto. — São segredos femininos que só te vou transmitir a ti e, *inshalla*, à mulher do Darweesh, uma vez que não estava nos planos de Alá que eu tivesse filhas.

Basima conduziu Dalia pelo seu jardim de ervas, revelando os usos de várias plantas. Estava entusiasmada por ter uma herdeira para o seu império de ervas encantadas. Já ensinara Dalia a preparar o remédio para o peito de Hasan.

— No entanto, para a beleza, o azeite é o ingrediente principal — sussurrou ela. — Esmaga hortelã e manjerição em azeite e esfrega-o no corpo para manteres a pele firme e no couro cabeludo para dares brilho ao cabelo.

Em tempos como aqueles, Basima e Dalia aprenderam a amar-se, e, lentamente, foram-se unindo numa lealdade e afeto maternais que nenhuma das duas conhecera antes.

Dez meses depois do nascimento de Yousef, Dalia deu à luz um nado-morto, pelo qual viveu um luto febril, fechando-se numa solidão silenciosa. Uma mulher da aldeia, pouco generosa, querendo cair nas boas graças de Basima, aproveitou a oportunidade dessa tragédia para falar do infortúnio de Dalia como prova da sua indignidade.

— Não me surpreende. Os beduínos são conhecidos por se dedicarem à magia negra. De que outra forma poderia uma rapariga como a Dalia ter conseguido que um homem como o Hasan casasse com ela?

— Fora da minha casa! — exclamou Basima, atirando a mulher ao chão e indo ter com Dalia. — Acabou-se o luto, minha Dalia.

Vamos cultivar rosas novas, para um recomeço — disse, arrancando a nora da opressão do seu próprio maxilar e pondo fim a esse episódio de dor.

Três anos mais tarde, quando as oliveiras começavam a perder a sua cor verde-prateada, uma bomba explodiu ao longe.

— Malditos sionistas! Que raio querem eles de nós? — gritou Basima em direção ao fumo que se erguia. Os receios do marido eram agora também os seus. A ansiedade de Basima atou-lhe um nó no peito, no coração, e fez com que a sua cabeça rodasse, as pernas enfraquecessem, até que caiu no meio das roseiras, agarrada ao ombro direito. Ainda estava viva quando Dalia correu na sua direção, mesmo a tempo de ouvir as suas últimas palavras:

— *Binti, binti.* — Minha filha, minha filha.

Após a morte de Basima, Dalia tornou-se a guardiã das suas queridas roseiras. Enxertou-as para lhes dar fragrância e cor, como Basima lhe ensinara, ampliou o jardim e plantou um canteiro de rosas vermelhas e brancas, as mais apreciadas por Basima. Todas as semanas, levava Yousef consigo ao cemitério para tratar desse canteiro de rosas. E, meses mais tarde, quando Ismael, o segundo filho de Dalia, nasceu, levou-o também, às costas.

Contudo, à medida que o perigo das incursões sionistas se intensificava, passou a deslocar-se sozinha até ao cemitério, deixando os filhos aos cuidados dos familiares e sob a proteção da aldeia por um breve período, todas as semanas. Foi numa dessas ocasiões que ocorreu um acidente, um ferimento que marcaria para sempre o rosto de Ismael.

Todos os membros da família tinham a sua própria versão grotesca do ferimento. Yousef, a única testemunha do acontecimento, nunca falou sobre ele, nem mesmo quando lhe perguntaram.

Na altura, Yousef tinha quatro anos, o Estado de Israel ainda não nascera, e Ismael contava quase seis meses. Nesse dia, estava

agitado, a chorar no mesmo berço que outrora servira para adormecer o pai. Apesar de estar velho e gasto, Basima insistira que Dalia o usasse para os seus filhos, porque fora abençoado por um xeque sírio, conhecido por curar os doentes e fazer milagres.

Quando Dalia ficou grávida de Ismael, Basima encarregou-se de reforçar as grades do berço com madeira de cedro que ela própria pregou. Comprou um novo forro e estofos e pregou-os também no seu lugar. Enquanto Ismael chorava e Dalia regressava da sepultura de Basima, Yousef recolheu o bebé da penugem das mantas brancas bordadas, que Basima havia cosido, mas não terminara antes de morrer. Com o peso inesperado do bebé a chorar e a espernear, Yousef deixou cair Ismael. Na queda, o rosto do bebé ficou preso a um prego do berço, e a pele de Ismael rasgou-se numa linha que ia da bochecha até ao olho direito.

O resquício físico desse dia foi uma cicatriz distinta que marcaria para sempre o rosto de Ismael e acabaria por o conduzir à sua verdade.

**Um romance comovente
que nos convida a olhar sob uma nova perspectiva
para um dos conflitos mais brutais da História**

Jenin ao Amanhecer é a odisseia da família Abulheja, forçada a deixar a aldeia palestina de Ein Hod e a exilar-se no campo de refugiados de Jenin, na Cisjordânia, após a ocupação israelita de 1948. Entre os deslocados, estão Dalia, o marido e os dois filhos pequenos. A caminho de Jenin, entre a multidão em fuga, o filho mais novo do casal desaparece.

A voz do romance é a de Amal, neta do patriarca da aldeia e filha de Dalia. Entre memórias de dor e a esperança de regressar um dia a sua casa, Amal cresce com o amor do pai, que lhe lê livros ao amanhecer, nos fugazes momentos de paz, e com a força silenciosa da mãe, que fechou o coração à dor. Juntos, sonham com um futuro melhor, apesar da extrema violência e da injustiça sem fim que os rodeia.

Esta é uma história de luta e sobrevivência que acompanha uma família ao longo de sessenta anos, dando-nos a conhecer as cicatrizes profundas provocados pelo conflito israelo-árabe. Um relato de fé, sobre a grandeza do perdão e a força do amor.

**«Um bom livro arranca os leitores do seu entorpecimento
e altera consciências. Este romance, baseado em
acontecimentos verdadeiros, é assim.»**

THE INDEPENDENT



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-418-5



9 789895 894185